



Ficha Técnica

Centro de Saúde do Arco da Calheta - Beneficiação e Ampliação

Secretaria Regional de Equipamentos e Infraestruturas
Direção Regional do Equipamento Social e Conservação

Projeto de arquitetura: Arquiteto Carlos de Jesus

Diretor de Fiscalização: Eng.º Roberto Oliveira

Entidade Executante:

Tecnovia Madeira, Sociedade de Empreitadas, S.A.

Diretor de Obra: Eng.º Emanuel Morgado

Apoio e consultoria Histórica e Patrimonial:

Francisco António Clode Sousa

2022



CAPELA DE NOSSA SENHORA
DA NAZARÉ

ARCO DA CALHETA - MADEIRA



A Capela de Nossa Senhora da Nazaré, situada numa propriedade agrícola, está integrada num pequeno solar no sítio de Entre Paredes, no Arco da Calheta. Parece ter sido construída, ou pelo menos acabada, em 1689, pelas irmãs Leonarda do Horto e Antónia de Cristo, onde, segundo investigações recentes ¹, *tinham levantado* um retábulo de N.^a Sr.^a da Nazaré e São José.

Ambas as instituidoras foram sepultadas na sua capela, respetivamente, em 1692 e 1707.

O primeiro morgado e administrador da propriedade foi o capitão Francisco Fernandes Maciel, sobrinho das fundadoras. Era casado com D. Bernarda Cabral da Câmara, que viria a falecer em 1756 e *foi enterrada na sua capela da Nazaré*. Nesta capela foram também sepultados cinco dos seus filhos, ainda crianças. O herdeiro e sucessor foi o seu filho João de Barros da Câmara, que casou, em 1743, na Capela da Nazaré, com D. Maria Josefa de Sousa e Lira. Seguem depois os seus sucessores, durante o século XVIII e inícios do século XIX. A capela parece ter caído em ruína no fim do primeiro quartel do século XIX, tendo sido reedificada em 1830.

Até meados do século XX, podia ver-se na capela uma pedra tumular, de Rodrigo Gonçalves e de sua mulher, Maria Pestana, datado de 1607. Esta pedra deveria provir de outro local de culto visto ser anterior à fundação da atual capela.

A Capela da Nazaré foi também um importante símbolo de proximidade e boa vizinhança, tendo sido muito usada para casamentos, não só da família dos proprietários, mas também de vizinhos.

Foi local de intensa devoção a N.^a Sr.^a da Nazaré, sendo comum encontrar, em documentação antiga, referências ao pagamento de missas e novenas.

A capela apresenta empena de duas águas, com sua sineira recortada à direita da fachada, e à esquerda uma gárgula, de meados do século XVII, em cantaria da ilha. Uma cruz grega encima o vértice da fachada e à direita do portal da entrada uma curiosa pia de água benta, em cantaria madeirense, de meados do século XVI, provinda, por certo, de outra construção, com um nítido labor manuelino. No interior sobrevive uma cancela no coro, com porta de acesso e circulação para o resto da casa, onde, normalmente, os morgados assistiam às funções litúrgicas.

O inventário de 1733 refere a existência dos bens essenciais ao culto, assim como a presença de algumas imagens de vulto, muito provavelmente oferenda de devotos. Refira-se, em especial, a presença de uma Nossa Senhora da Graça, com sua coroa de prata; um Menino Jesus; um Cristo crucificado; entre outros atavios menores, hoje todos desaparecidos.

Até meados do século XX, eram celebradas missas e realizavam-se procissões com origem na Capela da Nazaré.

Devem referir-se as procissões das “Ladainhas de Maio” que se celebraram ao longo de muitos anos com a intenção dos agricultores pedirem proteção divina das culturas que estavam a ser lançadas à terra nesse ano.

“As ladainhas de Maio” eram então três que se realizavam durante o mês de maio na Igreja paroquial do Arco da Calheta, seguindo-se de procissão. A primeira delas até à Capela de Nossa Sra. da Conceição, a segunda até à Capela de Nossa Sra. da Nazaré e a terceira até à Capela de Nossa Sra. do Loreto.

Com a passagem da casa e capela para a tutela do Governo Regional da Madeira e a instalação do Centro de Saúde do Arco da Calheta e delegação da Segurança Social, o templo foi esvaziado de todos os objetos de culto, ficando encerrado aos atos religiosos. Em 2000, o espaço foi, temporariamente, cedido ao Grupo Coral do Arco da Calheta.



O acesso hoje à propriedade faz-se pelo designado Impasse da Nazaré, mas originariamente fazia-se pelo lado oposto da propriedade no chamado Caminho da Nazaré, por onde se acedia por um majestoso portão de quinta, com sua entrada de muros e bancos de meia circunferência, ladeando a entrada, como se pode ver ainda na Quinta das Vinhas, também propriedade do século XVII, na Calheta. No caminho do portão até à casa, onde hoje está o campo de ténis, existia uma frondosa alameda de carvalhos.

A Capela de Nossa Senhora da Nazaré foi classificada de interesse concelhio, pelo decreto n.º 129/77.

Com os recentes trabalhos de requalificação da capela, constatou-se que existiam, por baixo de camada de cimento, as cantarias originais de tufo, provavelmente da zona do Cabo Girão, em muito mau estado de conservação. Foi decidido não retirar os enchimentos que as cobriam, por poderem provocar ainda danos maiores às suas debilitadas condições. Muito provavelmente, o piso térreo da construção deveria corresponder a armazém agrícola e reserva de pipas de vinho da casa, sendo o andar superior dedicado à habitação. A fenestração ritmada deveria ter originariamente portadas e postigos de madeira, mais tarde substituídos por tapa-sóis.

Do patrimonial artístico que equipa a antiga Capela da Nazaré, mencione-se um conjunto de peças o mais próximas possíveis do que deveria ser uma capela com as características dos espaços religiosos insulares de meados do século XVII e XVIII.

Em posição central sobre o altar, a escultura de vulto de **Nossa Senhora com o Menino**, de madeira, estofada, policromada e dourada, é de uma oficina de Lisboa, de meados do século XVII, e um **Crucifixo** de madeira de pau-santo, com seus terminais vazados e dourados, com um Cristo, em marfim policromado, com sua legenda e resplendor em prata, é de uma oficina portuguesa de inícios do século XVIII.

Deve destacar-se sob a esquerda uma pintura, **Nossa Senhora com o Menino**, de uma oficina ibérica de meados do século XVII. À direita, uma pintura de uma oficina portuguesa dos círculos da corte, de meados do século XVIII, representa **Nossa Senhora da Conceição** atribuível à oficina de Pedro Alexandrino de Carvalho (1729-1810).

Outros elementos, como azulejaria do século XVII, de uma oficina de Lisboa, de padrão de tapete; uma cadeira de sola, de meados do século XVIII; e um castiçal de chão, dão o enquadramento de época, constituindo uma mais-valia patrimonial, enriquecendo uma capela que há muito tinha saído do culto e que hoje recupera a sua função, trazendo à memória uma tradição enraizada no povo do Arco da Calheta.

¹ LADEIRA, Paulo, Arco da Calheta, *Património Religioso e alguns aspetos do quotidiano*, Calheta, 2019, pp.274-283.